

14922 - “Gosto muito do mato, o mato faz bem para a nossa saúde”: universos terapêuticos e plantas medicinais no Morro da Cruz, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, contribuições para a etnobotânica em ambiência urbana

"I love the forest, the forest is good for our health": therapeutic universes and medicinal plants in Morro da Cruz, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, contributions to ethnobotany in urban ambience

CASAGRANDE, Alana¹; KUBO, Rumi Regina²; RITTER, Mara Rejane³

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bioalana@yahoo.com.br; 2. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS, rumikubo@bol.com.br; 3. Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mara.ritter@ufrgs.br

Resumo: Este trabalho reflete sobre ações de pesquisa e extensão envolvendo as plantas medicinais e cuidados à saúde, realizadas junto à comunidade do Morro da Cruz, município de Porto Alegre. A experiência, desenvolvida entre os anos de 2007 e 2013, fomenta uma rede terapêutica local na qual interagem diferentes agentes, incluindo grupos de mulheres, equipes de saúde, acadêmicos, terapeutas populares e lideranças espirituais da comunidade. Assim, se expressam diferentes concepções para o cuidado com a saúde que abrangem as relações dinâmicas entre vida familiar e espiritual, ambiente e sistema médico oficial. Desejando contemplar estas relações, buscou-se uma aproximação entre o campo do conhecimento da etnobotânica e a proposta da pesquisa-ação, pautando o princípio da interculturalidade. A experiência revela a importância do fomento às práticas terapêuticas tradicionais para a conservação ambiental e para manutenção da vitalidade da produção de saberes envolvendo plantas medicinais.

Palavras-chave: Morro da Cruz; etnobotânica; plantas medicinais; pesquisa-ação; interculturalidade.

Abstract: This paper reflects upon research and extension actions involving medicinal plants and health care, performed with the community of Morro da Cruz in Porto Alegre city. The experience, conducted between 2007 and 2013, promotes a local therapeutic net in which interact different actors, including women's groups, health teams, academics, popular therapists and spiritual leaders. Therefore, are expressed different health care conceptions that involve dynamics relations between family and spiritual life, environment and official medical system. Wishing contemplate this relations, we sought a dialogue between the ethnobotany field of knowledge and the research-action proposal, considering the principle of interculturality. The experience shows the importance of promoting the traditional therapeutic practices for environmental conservation and maintenance of the vitality of the knowledge production involving medicinal plants.

Keywords: Morro da Cruz; ethnobotany; medicinal plants; action-research; interculturality.

Contexto da experiência

Esta experiência de pesquisa e extensão desenvolvida entre os anos de 2007 e 2013 junto à comunidade do Morro da Cruz, em Porto Alegre, buscou interagir junto aos universos terapêuticos locais, criando espaços para trocas de saberes envolvendo plantas medicinais e o cuidado à saúde.

Em especial os universos terapêuticos urbanos, como os vivenciados no local, expressam singularidades que refletem transformações ecológicas e sociais aceleradas a partir da década de 1950 com o advento da modernização da

agricultura e simultânea urbanização, quando milhões de famílias migraram do meio rural para os centros urbanos de países considerados “periféricos”.

Em poucas décadas, ambientes tipicamente rurais do Morro da Cruz transformaram-se em áreas densamente povoadas e carentes de infra-estrutura urbana básica. Neste processo, agricultores, indígenas e negros, inclusive pertencentes a grupos expulsos de regiões centrais da cidade, passaram a ocupar as encostas do Morro. Trouxeram consigo suas experiências de vida, suas plantas e sementes, habitando paisagens de interface urbano-rural compostas por hortas, quintais, matas e campos, de especial importância para as religiões de matriz africana praticadas no Morro da Cruz. Neste contexto, os intercâmbios culturais se intensificaram multiplicando os saberes, ao mesmo tempo em que possibilitaram a criação de algo particular, um sentimento de pertencer a um lugar e a uma comunidade.

O Morro da Cruz pode ser interpretado como um território alternativo ao ideário moderno de desenvolvimento urbano, seja pela manutenção de práticas da vida rural como pela pluralidade das medicinas tradicionais e práticas religiosas, inovadas em constante interação entre si e com o sistema “oficial” de saúde. Todas estas singularidades configuram processos importantes que complexificam o estudo das relações entre pessoas e plantas, inclusive sugerindo estratégias específicas para a conservação ambiental nas cidades.

A partir deste contexto urbano e dinâmico das sociedades complexas moderno-industriais (ECKERT e ROCHA, 2013), esta experiência busca aproximar o campo do conhecimento da etnobotânica e a pesquisa-ação favorecendo o diálogo intercultural pelo reconhecimento da pluralidade de saberes em suas interações sustentáveis, dinâmicas e autônomas (SOUSA SANTOS, 2010). Os desafios inerentes a esta prática permeiam o convívio junto à comunidade e a construção cotidiana dos projetos.

Aproximando etnobotânica e pesquisa ação: um caminho para a compreensão das relações entre pessoas e plantas

O presente relato tem como ponto de partida uma ação desenvolvida como parte de projetos de pesquisa e extensão vinculadas ao Departamento de Botânica e fomentados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da UFRGS. Nesta ação, que compreendia oficinas, reuniões, saídas de campo, foram estabelecidas parcerias com diversos grupos e instituições como postos de saúde locais, escola e grupos protagonizados por mulheres. Atualmente estas ações são apoiadas pelo Ministério da Cultura através do prêmio “Agente Jovem de Cultura”, sendo o acolhimento e a amizade consolidada em todos os anos de projeto a principal motivação para sua continuidade.

Neste sentido, o trabalho realiza-se cotidianamente, privilegiando a interação entre diferentes mundos no delineamento de problemas a serem estudados e ações a serem conduzidas, configurando, assim, uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2009).

O convívio junto a Erveiros¹, parteira, lideranças espirituais, benzedadeiras e demais comunitários inspirou um estudo etnobotânico, que além de registrar uma grande diversidade de plantas de importância medicinal e ritualística, abordou o contexto sócio-ecológico local referente ao uso de plantas como parte de rituais e processos de cura (CASAGRANDE, 2009).

Segundo Alexiades (1996), a etnobotânica deve considerar a dinamicidade ecológica e simbólica inerente a estas relações entre humanos e plantas, o que implica em uma atuação para além do registro da heterogeneidade de saberes e práticas. No decorrer das ações a perspectiva catalográfica da etnobotânica acadêmica, voltada para listagem de plantas e respectivos usos, foi sendo tensionada em favorecimento de uma compreensão dos processos de cura e significação da doença. Nesta perspectiva, entende-se que as interações entre pessoas, entidades espirituais e a flora medicinal e ritualística constituem formas de sociabilidade singulares que desestabilizam as fronteiras entre os mundos orgânico e espiritual. O poder curativo das ervas aparece associado à fé, à tradição familiar, às experiências de vida e ao auto-conhecimento que permitem às pessoas escolher tratamentos adequados às suas expectativas e necessidades.

Este olhar, voltado para complexidade e especificidade das interações entre humanos e a flora medicinal em ambiência urbana, alimenta-se da vitalidade das medicinas tradicionais que são transformadas e legitimadas por seus praticantes ao longo do tempo (LOYOLA, 1984; MENESES, 2005). Desta forma, ao reconhecer o caráter criativo e inventivo dos saberes tradicionais questiona-se o paradigma que sustenta a perda de conhecimentos sobre plantas como um fenômeno próprio do mundo globalizado e urbano. A experiência vivida no Morro da Cruz se aproxima de estudos realizados por Emperaire e Ludvine (2008) e Vanderbroek e Balick (2012) que constataram uma elevada diversidade de plantas manejadas e utilizadas em ambientes urbanos, considerando-se as experimentações e trocas contínuas possibilitadas por processos migratórios.

A criação de espaços de encontro entre pessoas e “ervas de chá”, como oficinas, caminhadas e mutirões de plantio, possibilitou aprofundar a compreensão dos processos discutidos neste texto.

A experiência do cultivo de plantas medicinais junto ao posto de saúde

O cultivo junto a um dos postos de saúde e antigo centro comunitário iniciou em 2007, quando profissionais da equipe de saúde demonstraram interesse em apoiar atividades envolvendo plantas medicinais. Os canteiros “espirais de ervas” foram construídos em mutirões que também envolveram alunos de escolas, grupos de mulheres e acadêmicos. Transformaram-se em espaços educativos e intervenções simbólicas no ambiente construído, estimulando lembranças e curiosidades, sensibilizando para o desconhecido e fornecendo plantas pra o chá.

Os cultivos foram e estão sendo retomados por uma vontade coletiva o que demonstra que as plantas medicinais tem seu lugar junto ao posto de saúde, passando a mediar o diálogo intercultural, dando voz aos saberes das medicinas

¹ Os ervaíros ou “chazeiros”, como se identificam, são terapeutas tradicionais exímios conhecedores de “ervas de chá” que coletam, cultivam e comercializam em bancas nas ruas ou feiras da cidade.

tradicionais e estabelecendo trocas entre equipe de saúde e usuários do Sistema Único de Saúde – SUS em um contexto alternativo ao do atendimento médico.

A convivência entre diferentes sistemas médicos, neste caso representada pela experiência do cultivo de plantas medicinais junto ao posto, pode ser discutida a partir do conceito de intermedicalidade (FOLLER, 2004). Esta iniciativa, ao pautar a legitimidade dos saberes sobre plantas medicinais perante o sistema médico “oficial”, observou tanto o potencial transformador que a experiência com a alteridade proporciona como a dimensão do conflito existente entre as medicinas tradicionais e o discurso médico, por vezes acusado de desqualificar práticas terapêuticas que envolvem as plantas medicinais e ritualísticas. Neste processo, reforçou-se a importância do fomento à autonomia comunitária para o cuidado com a saúde, o que reflete em um melhor funcionamento do próprio Sistema Único de Saúde.

Aprender fazendo: fitoterapia como tecnologia social

Como forma de estimular as trocas de saberes envolvendo plantas, foram realizadas oficinas de produção de fitoterápicos juntos a grupos de mulheres artesãs e em feiras abertas da rede Comunitária do Morro da Cruz. Xaropes, pomadas, tinturas, sabões medicinais, aromatizadores, entre outros, foram produzidos inovando receitas conhecidas pelas mulheres. A iniciativa fortaleceu o trabalho dos grupos que desempenham um papel fundamental para o acolhimento e conforto feminino. Estes momentos tiveram ótima receptividade, pois inspiravam lembranças e narrativas sobre os chás, remetendo às experiências pessoais e familiares compartilhadas na comunidade.

Parte do processo de aprendizado promovido nas oficinas e durante o estudo etnobotânico foi registrado em um livreto que divulgou a experiência na própria comunidade. Os aprendizados proporcionados e a qualidade dos fitoterápicos produzidos revelaram o potencial da fitoterapia como uma tecnologia social de promoção da saúde e conservação ambiental no Morro da Cruz.

Avaliando os aprendizados e considerações finais

A aproximação entre a etnobotânica em ambiência urbana e a pesquisa-ação se mostrou um caminho frutífero para o estudo das relações entre pessoas e plantas nas cidades, uma vez que privilegia as expectativas comunitárias na construção de ações de pesquisa e extensão. Seguindo este caminho, foi possível interagir junto a diversos grupos, pessoas e instituições, criando espaços de diálogo intercultural e favorecendo uma contextualização sócio-ecológica dos universos terapêuticos vivenciados na comunidade.

Práticas e trajetórias invisibilizadas pelo ideário modernizador das cidades emergem neste contexto, constituindo paisagens de interface urbano e rural que possibilitam a manutenção das medicinas tradicionais. Os erveiros, benzedadeiras, lideranças espirituais e parteira tem sua trajetória de vida associada aos ambientes urbanos onde recriam práticas que podem ser consideradas patrimônio cultural imaterial e ambiental das cidades.

Oportunizar espaços para a expressão das medicinas tradicionais junto às equipes de saúde possibilita uma maior integração com a comunidade, desmistificando preconceitos associados ao uso de plantas medicinais e valorizando as relações humanas na promoção do bem estar.

A produção de fitoterápicos, enquanto tecnologia social tradicional, foi muito bem recebida pelos grupos de mulheres que buscam autonomia e conforto feminino. Nesta busca, revela-se o direito a interpretar o próprio corpo e espírito e a articularem suas próprias noções de saúde.

Por fim, estimula-se o reconhecimento da legitimidade das medicinas tradicionais. Sua vitalidade é constitutiva das dinâmicas urbanas e deve ser valorizada no planejamento e execução de ações em saúde e conservação ambiental nas cidades.

Agradecimentos

Agradecemos à comunidade do Morro da Cruz, às equipes da saúde, à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, ao Ministério da Cultura, ao Centro Agrícola da Prefeitura de Porto Alegre - CAD e demais colegas, amigos e amigas que fizeram e fazem parte desta história.

Bibliografia

ALEXIADES, M. N. (Ed.). **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual**. The New York Botanical Garden, 1996. p.199-239.

CASAGRANDE, A. **Plantas medicinais e ritualísticas utilizadas pela comunidade do Morro da Cruz, Porto Alegre – RS**. 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. (Org.). **Etnografia de rua: Estudos de Antropologia Urbana**. 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Editora Deriva, 2013, v. 1, p. 21-46.

EMPERAIRE, L.; LUDVINE, E. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 2, p. 195-211, 2008.

FOLLÉR, M. "Intermedicalidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde". In: LANGDON, E. J.; GARNELO, L. (Org.). **Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa**. Rio de Janeiro: ContraCapa/ABA, 2004. p.129-147.

LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: DIFEL, 1984. 198 p.

MENESES, M. G. de. "Quando não há problema, estamos de boa saúde, sem azar nem nada": para uma concepção emancipatória da saúde e das medicinas. In: SOUSA SANTOS, B. (Org.). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. p 425 – 467.

SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA SANTOS, B.; MENEZES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São. Paulo: Cortez, 2004. 108p.

VANDEBROEK, I.; BALICK, M.J. Globalization and Loss of Plant Knowledge: Challenging the Paradigm. **Plos One**, v7, n. 5, p. 1-6, 2012.

